

## REQUERIMENTO Nº 002/2002

Requer mensagem de condolências pelo falecimento do maestro paraense **Wilson Dias da Fonseca**.

Senhor Presidente,

Requeiro a Vossa Excelência, na forma regimental, que esta augusta Casa, envie mensagem de condolências à família do maestro paraense Wilson Dias da Fonseca, falecido no último dia 24 de março, aos 89 anos, em nome de Vicente José Malheiros da Fonseca (Av. Nazaré, 275, apt. 605 – CEP 66.035-170 – Belém-PA).

Requeiro ainda que seja dada ciência à Assembléia Legislativa do Estado do Pará, à Prefeitura Municipal de Santarém, à Câmara Municipal de Santarém, à Secretaria Estadual de Cultura, à Secretaria de Cultura de Santarém, à Academia Paraense de Música e à Academia Paraense de Letras sobre o teor do presente requerimento.

Atenciosamente,

Sala de Sessões, 27 de março de 2002

**José Priante**  
Deputado Federal  
(PMDB-PA)

## **PRONUNCIAMENTO DO DEPUTADO FEDERAL JOSÉ PRIANTE PMDB-PA) EM MEMÓRIA AO MAESTRO WILSON FONSECA**

Senhor Presidente,  
Nobres Deputadas e Deputados.

Venho a esta tribuna comunicar que o município de Santarém, o Pará e a Amazônia estão de luto. Estamos de luto pelo falecimento, no último dia 24 de março, do maestro Wilson Dias da Fonseca, o nosso querido “**Isoca**”.

Wilson Dias da Fonseca foi uma raridade entre os compositores paraenses e brasileiros. Ele nasceu em 17 de novembro de 1912, em Santarém, no Pará, cidade às margens do rio Tapajós. Literalmente, nasceu ouvindo música. O pai dele, José Agostinho da Fonseca, músico e alfaiate, mantinha em casa uma escola de música. Aos oito anos de idade, “**Isoca**”, apelido que ganhou ainda criança, já tocava piano, mas foi tocando “ferrinho” (triângulo) que ele estreou na banda de jazz fundada pelo pai, que ensinou a arte da música a todos os seus filhos.

Wilson aprimorou seu talento nato com a ajuda de padres franciscanos alemães que atuavam no município. Apaixonados por música, eles mantinham bandas e conjuntos sinfônicos. Com eles Wilson enveredou-se pela música sacra, passando a admirar e a tocar também os grandes compositores clássicos. Mas também cresceu ouvindo jazz, valsas, tangos, boleros, maxixe, estilos que predominavam na época.

Seu prazer não era apenas ouvir, mas também ler e interpretar partituras musicais, as quais chegavam, na maioria das vezes por encomenda, pelos navios que aportavam em Santarém. A cidade sempre foi porto obrigatório na rota dos navios que navegam entre Belém e Manaus, as duas principais capitais da região. Na época, Santarém, em plena selva amazônica, era uma cidade isolada do resto do mundo. O rádio e o telégrafo eram os únicos meios de comunicação disponíveis. Para se chegar a Belém ou Manaus, somente de barco ou navio e em viagens que demoravam pelo menos quatro dias. As informações e modismos das capitais chegavam sempre com atraso em Santarém. Para suprir a escassez de informações, enfrentar o atraso das novidades, superar o isolamento e manter atividades culturais na cidade, só restava a **Isoca** uma alternativa: criar.

O isolamento foi importante para desenvolver sua criatividade de compositor. Ajudou-o bastante não só o fato de tocar na banda do pai e nos conjuntos sinfônicos dos padres franciscanos, mas também o de ser o “pianeiro” num cinema de Santarém, na época do cinema mudo. O cargo lhe deu acesso a um tesouro: as partituras das trilhas musicais que deveriam ser executadas durante a projeção dos filmes mudos. Mas ele também tinha liberdade para criar. E foi assim, tocando

piano ao pé da tela do cinema, que **Isoca** fez sua primeira composição: “Beatrice”, uma valsa sincronizada para um trecho do filme “O Beijo”, com Greta Garbo.

Wilson Fonseca tinha então 19 anos. A partir daí não parou mais de compor. E não compunha apenas valsas ou canções populares. Compunha também jazz, músicas de câmara, músicas sacras, peças sinfônicas. Fez tango, boleros e até uma ópera, sempre tendo como temática seu mundo amazônico, seus amigos, sua família. Todo esse trabalho resultou num acervo musical de mais de mil peças, das quais 800 estão reunidas numa coleção de 16 volumes, intitulada “Obra Musical de Wilson Fonseca”.

A obra do maestro não ficou restrita a Santarém. A partir de 1934, quando Belém e Manaus praticamente ignoravam Santarém e pouco se sabia sobre Wilson Fonseca, as partituras do maestro passaram a ser publicadas em vários jornais e revistas do Rio de Janeiro, então capital do País, como o “Jornal das Moças”, “O Malho” e o Jornal da AABB carioca. Entre 1934 e 1936, pelo menos 17 de suas músicas chegaram a ser tocadas pela orquestra da Rádio Mayrink Veiga, tornando o maestro bem mais conhecido no Rio de Janeiro do que em Belém, cidade que somente a partir de 1972 viria a conhecer melhor e a reconhecer a obra de Wilson Fonseca.

**Isoca** chegou a receber convites para desenvolver sua arte na Alemanha e nos Estados Unidos. Recusou por falta de recursos financeiros. Já com filhos, temia também perder sua única fonte de renda: o emprego de auxiliar de escritório no Banco do Brasil, conquistado num concurso público.

Permaneceu em Santarém compondo. Além de compositor **Isoca** foi também historiador memorialista, folclorista, poeta e professor. Enfim um homem de múltiplos talentos. Mas seu talento maior era transformar o mundo amazônico, tapajônico, em memoráveis composições como: “Um Poema de Amor”, “Canção da Minha Saudade”, “Terra Querida” e o “Hino de Santarém”.

**Isoca** tinha um método curioso para compor. Ao contrário de muitos compositores, não usava nenhum tipo de instrumento, nem mesmo o piano, para desenvolver a idéia musical. A idéia surgia e era concluída na cabeça do maestro. Somente depois de a obra pronta na cabeça e no coração, é que ele a transferia para o papel e, aí sim, é que recorria aos instrumentos para executá-la.

Muitas das composições que fez, o maestro não teve a oportunidade de ouvi-las executadas por uma banda ou orquestra sinfônica. Faltava, em Santarém, músicos para executá-las. Esta, certamente, foi uma das razões que o levou a criar bandas sinfônicas, das quais faziam parte gente humilde da região, todos unidos pela música.

Uma das últimas obras que criou foi a ópera “Vitória Régia: o Amor Cabano”, feita quando o maestro já tinha 84 anos. Era praticamente o único gênero musical que faltava entre as obras do maestro. A ópera, composta em cinco meses, foi inspirada na Cabanagem, movimento revolucionário paraense no final do século passado contra a coroa portuguesa.

Muitos cantores e compositores paraenses de projeção nacional e internacional, como Leila Pinheiro e Sebastião Tapajós, gravaram composições do maestro. Mas talvez a maior contribuição para a divulgação de sua música tenha

sido dada pela Orquestra Sinfônica Wilson Fonseca, fundada em 1995 em Santarém.

A orquestra faz parte do projeto de interiorização da Fundação Carlos Gomes, implantado em 1993 com a criação do Pólo de Música de Santarém. O pólo começou com 400 alunos na faixa etária de 7 a 12 anos. Em agosto de 1994 foi transformado na Escola de Música Maestro Wilson Fonseca.

Composta atualmente por músicos de 11 a 17 anos formados na própria escola, a orquestra tem sido requisitada para apresentações em Belém e em várias cidades brasileiras. Em 1998, em São Paulo, participou do espetáculo “Ciranda dos Homens... Carnaval dos Animais”, dirigido pelo coreógrafo Ivaldo Bezerra e estrelado pela atriz Marília Pêra. O espetáculo ganhou o Prêmio Ministério da Cultura na categoria Arte Popular.

Esta premiação já seria suficiente para confirmar a qualidade da orquestra. Veio, então, a surpresa maior: a orquestra recebeu também o Prêmio Ministério da Cultura 1998. Dos oito concorrentes selecionados, foi a única orquestra do país a conquistar o disputado prêmio.

A premiação não mudou a rotina do maestro. Ele continua no seu mundo amazônico, tocando e compondo. Trabalho que o fez imortal ao ocupar a cadeira no. 24 da Academia Paraense de Música e a cadeira de no. 7 da Academia Paraense de Letras.

No dia 24 de março, infelizmente, Santarém perdeu o seu maestro maior. Foi-se o homem, permanece seu exemplo, seu caráter, sua obra. Um legado que fica para sempre.

Todos nós, paraenses, tapajônicos e amazônidas, estamos de luto. Resta-nos o conforto de ouvir as suas primorosas obras, que eternizaram o nosso saudoso

Senhor Presidente, nobres colegas.

Ao encerrar este pronunciamento, comunico que estou requerendo à Presidência desta augusta Casa que encaminhe mensagem de condolências à família enlutada. Estamos requerendo também seja dada ciência do nosso pronunciamento e das condolências desta Casa à Assembléia Legislativa do Estado do Pará, à Câmara Municipal de Santarém, à Secretaria Municipal de Cultura de Santarém, à Academia Paraense de Música e à Academia Paraense de Letras.

Muito obrigado!

**José Priante**  
Deputado Federal  
PMDB-PA